

Dossiê: “Faculdades, Centros e Institutos de Educação como espaço político-pedagógico de formação de professores”.

OS DESAFIOS POSTOS PELA PANDEMIA DO COVID-19: COMO PENSAR A GESTÃO EM MOMENTOS OBSCUROS?

The challenges posed by the Covid-19 Pandemic: how to think about management in dark moments?

Los desafíos planteados por la pandemia de Covid-19: ¿cómo pensar la gestión en momentos oscuros?

Amore Inácia Alves 

Jordana de Castro Balduino Parahyba 

Lueli Nogueira Duarte e Silva 

RESUMO

Esse artigo visa mostrar os desafios postos ao ensino superior pela Pandemia do Covid-19, em um momento em que a universidade precisou refazer seu itinerário formativo frente uma crise sem precedentes que ameaçou o seu status de difusora da ciência. Como professoras e gestoras da Faculdade de Educação, a disputa assumiu outros contornos, a saber: a dicotomia entre o presencial e o remoto, a mensuração do trabalho, tanto docente como administrativo, e a condução de processos remotos. Então pretendemos questionar: como pensar a gestão nesse contexto? Quais saídas foram pensadas para atravessar momentos tão sombrios da história da humanidade e da experiência como docentes e gestoras de uma instituição pública? Trata-se de um relato de experiência, subsidiado por categorias como formação e gestão democrática. Como resultado, apresentamos os dados que obtivemos, fazendo um recorte do período, que foi desde a iminência da paralização das atividades, decorrentes da pandemia, até a retomada de atividades, dentro do que se denominou ensino remoto emergencial – ERE.

Palavras-chave: Formação; Gestão; Ensino Remoto Emergencial; Pandemia;

ABSTRACT

This article aims to show the challenges posed to higher education by the Covid-19 Pandemic, at a time when the university needed to remake its training itinerary in the face of an unprecedented crisis that threatened its status as a disseminator of science. As professors and managers of the Faculty of Education, the dispute took on other contours, namely: the dichotomy between face-to-face and remote, the measurement of work, both teaching and administrative, and the conduction of remote processes. So we intend to ask: how to think about management in this context? It is an experience report, supported by categories such as training and democratic management. As a result, we present the research findings we obtained, making a cut of the period, which was from the imminence of the paralysis of activities, resulting from the pandemic, to the resumption of activities, within what was called emergency remote teaching – ERE.

Keywords: *Training; Management; Emergency Remote Teaching; Pandemic.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mostrar los desafíos que plantea a la educación superior en la Pandemia de Covid-19, un momento en que la universidad necesitaba rehacer su itinerario formativo ante una crisis sin precedentes que amenazaba su condición de divulgadora de la ciencia. Como profesores y directivos de la Facultad de Educación, la disputa tomó otros contornos, a saber: la dicotomía entre presencial y remoto, la medición del trabajo, tanto docente como administrativo, y la conducción de procesos remotos. Por lo tanto, nos preguntamos: ¿cómo pensar la gestión en este contexto? Se trata de un informe de experiencia, apoyado en categorías como formación y gestión democrática. Como resultado, presentamos los datos que obtuvimos, haciendo un corte del período, que fue desde la inminencia de la paralización de actividades, producto de la pandemia, hasta la reanudación de actividades, dentro de lo que se denominó enseñanza remota de emergencia – ERE.

Palabras clave: *Capacitación; Administración; Enseñanza Remota de Emergencia; Pandemia.*

Introdução

Assumimos a gestão da Faculdade de Educação em janeiro de 2018, após um processo eleitoral que envolveu toda a comunidade escolar na instituição de ensino superior: docentes, técnicos administrativos e estudantes.

Naquele momento entendíamos que a nossa participação estaria a serviço da unidade, dos princípios primados por aquela casa, afinados com a defesa da escola pública, laica e gratuita e de uma formação humana, crítica e emancipadora. Percebemos que a nossa presença no processo que se instalava coadunava com a perspectiva de atuarmos criticamente contra os desmandos e conservadorismo da sociedade, além de nos colocarmos na vigilante posição de crítica ao cenário que se apresentava com a vitória de Bolsonaro nas urnas.

Defendemos primeiramente a ideia de uma gestão democrática, com o uso de iniciativas que materializaram essa preocupação. A FE iria completar 50 anos no ano subsequente à nossa posse, por isso, queríamos contribuir com essa data festiva, colocando o nosso trabalho a serviço dessa instituição onde atuávamos como professores.

Em março de 2020, fomos assoladas por uma pandemia que afetou a todos indiscriminadamente no mundo. O Covid-19 afetou as rotinas, os percursos individuais e coletivos e, sobretudo impôs desafios à gestão que exercíamos na Faculdade de Educação. De repente, fomos colocadas frente a certas situações e em atividades que não sabíamos exercer, a dar respostas que não sabíamos, como por exemplo, lidar com o isolamento, o adoecimento e a morte de docentes, discentes e da comunidade, bem como assumir atividades não-presenciais, remotas, online, quando não sabíamos o que isso significava e nem o que estávamos, de fato, vivendo.

Esse texto objetiva documentar esse estranhamento diante do novo, que irrompeu nas nossas vidas e trouxe, conforme já dito, alterações na nossa forma de trabalho e de ensinar. Trata-se de uma tentativa de historicizar o momento, trazendo para o debate como enfrentamos esse processo e como ele reverberou nas nossas práticas. Na primeira parte, ilustraremos como compreendemos a gestão democrática posta em prática, e, na segunda, nos ocuparemos de descrever como o nosso dia-a-dia foi alterado por essas circunstâncias e quais os impactos trazidos para o nosso trabalho na Faculdade de Educação.

A gestão democrática na vivência da FE

Quando assumimos a direção da Faculdade de Educação, o nosso propósito era trabalhar de modo participativo e coletivo, ouvindo técnicos

administrativos, alunos e professores, incorporando sugestões e críticas, visando o bem comum. O nosso intuito sempre foi o de valorizar a comunicação interna, estabelecendo canais de interlocução e de escuta com toda a comunidade acadêmica. A participação de todos na construção do projeto formativo e educativo da FE sempre foi o princípio basilar que orientou a gestão, pois é isso que defendemos.

Baseamos no conceito de gestão democrática asseverado pelos documentos oficiais, como a Constituição brasileira de 1988, capítulo III, Seção I, cujo artigo 206 estabelece a gestão democrática como um dos princípios a ser materializado e consolidado e pelo inciso VIII do artigo 3º da Lei n. 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. (Brasil, 1996). Além desses documentos, pode-se mencionar ainda os Planos Nacionais de Educação, especialmente, a Lei n. 1305 de 2014¹. Este último, em particular, enfatiza no Artigo 2º, inciso VI “a promoção do princípio da gestão democrática da educação pública”. Assim, com base neste arcabouço legal e jurídico, defende-se a importância da criação e consolidação de espaços internos na unidade para que as questões da educação sejam discutidas, debatidas e enfrentadas pela comunidade, como por exemplo, nos colegiados de curso, no Conselho Diretor, nas reuniões de áreas de conhecimento, nos grupos de pesquisa e extensão e em reuniões ampliadas, entre outros.

Era de nosso interesse se contrapor a uma concepção de gestão de cunho gerencialista², que vem ganhando força no serviço público, inclusive, nas universidades. Nossa gestão visava primar pela transparência, defesa dos interesses do espaço público, em detrimento do privado, no cuidado com o patrimônio e na garantia de condições adequadas de trabalho tanto para os Técnicos Administrativos Educacionais como dos professores. Partíamos do pressuposto que a FE, ao longo de sua história, se constituiu como um espaço importante e propício ao debate acadêmico, ao pluralismo de ideias, a inclusão, e respeitosa à diversidade, no largo sentido do termo. Para tanto, a ética era o nosso eixo norteador no trato com os recursos, na defesa do *ethos* acadêmico,

1 Além das metas 07 e 19 do PNE que fazem menção à gestão democrática nas escolas de educação básica e ensino superior.

2 O gerencialismo refere-se a um conjunto de decisões tomadas no âmbito das escolas, cuja base remonta às ideias do meio empresarial, marcadas pela competitividade, individualismo e meritocracia. (Júnior; Gisi, 2022).

na relação com as pessoas e com as demais instâncias da instituição, o que exigia um diálogo constante interno e externo.

A visão gerencialista tem marcado a educação, impondo decisões verticalizadas por meio de resoluções e decretos. Na universidade, nos últimos anos, vivenciou-se a prática da simbiose do público-privado, que trouxeram muitas consequências para o ensino superior, afetando o trabalho dos professores. Não por acaso há uma crítica explícita a esse modelo, que traz atrasos e retrocessos no âmbito das políticas educacionais. Percebe-se essa tendência no serviço público, quando as atividades, de modo geral, são pautadas pelos princípios abaixo.

O ponto de apoio da reforma gerencial é a busca da eficiência, pela redução e controle dos gastos públicos, pela demanda de melhor qualidade de serviços públicos, pela descentralização administrativa, concedendo maior autonomia às agências e departamentos. Há preocupação, portanto, com o produto em detrimento dos processos (Cabral Neto; Castro, 2011, p. 748).

A universidade se viu imersa na prática chamada produtivista, meritocrática, competitiva e individual que atravessou o trabalho docente, mais preocupada com números do que com a qualidade do trabalho realizado e com o debate qualificado. Pensamos que a FE deveria ser o espaço da autonomia, da independência de ideias e da liberdade de cátedra, mantendo a constante vigília aos diferentes tipos de preconceito e discriminação, adotando a explícita postura de combate a quaisquer formas de assédio moral ou sexual.

Por isso, as decisões tomadas na unidade sempre se deram no âmbito do Conselho Diretor, instância máxima de deliberação, contando com a participação universal dos conselheiros: docentes, técnico-administrativos e estudantes. Ainda que submetidas a ações questionáveis do governo federal, os embates da FE aconteciam no sentido de se contrapor a uma lógica excludente e autoritária, exercida, sobretudo pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, ao conhecimento científico e ao espaço acadêmico³.

Desse modo, ainda que pesassem as publicações em revistas científicas, a direção da Faculdade sempre ensejou atividades de extensão voltadas ao

³ Esse embate foi de forma mais explícita com a judicialização do curso denominado. O golpe na educação, atividade de extensão realizada em 2017, que visava abordar os atos que culminaram com o Impeachment da Presidenta Dilma Roussef ocorrido em 2016.

profícuo diálogo entre a universidade e a sociedade. Assim, as atividades de extensão tomaram visibilidade, sendo estimuladas pela gestão por meio de um conjunto de cursos desenvolvidos, palestras, seminários, colóquios, grupos de estudos e outras atividades que envolviam toda a comunidade universitária.

Na pandemia, as atividades extensionistas da Faculdade cresceram de forma significativa, os docentes vislumbraram nas ações de extensão, na modalidade online, as possibilidades férteis de manter contato com a comunidade acadêmica da unidade como da universidade. Os vários cursos, eventos, lives, palestras ministradas pelos docentes e discentes da FE foram fundamentais para que pudéssemos garantir a interação, a comunicação, momentos de afeto, de solidariedade e o contato com as pessoas, diante da crise sanitária que vivíamos, conforme se verifica no gráfico abaixo.

Quadro 1: Atividades de extensão da Faculdade de Educação e pessoas envolvidas

Ano	Quantidade de pessoas envolvidas
2018	647
2019	1572
2020	2476

Fonte: Análise, UFG, 2020.

Percebe-se que no ano de 2020, em plena pandemia do SARS-Covid-19, as ações de extensão⁴ envolveram um número de participantes ainda maior do que no ano anterior. Esse número revela o esforço coletivo de todos, no sentido de aproximar diferentes públicos e, ao mesmo tempo, nos manter próximos, conectados. Os cursos de extensão, durante esse período, refletem esse modo de pensar e funcionar da FE e do seu compromisso com a educação pública de qualidade e com a formação humana e crítica de nossos estudantes.

Em 16 de março de 2020, a universidade por meio da Resolução Consuni/UFG nº 18, paralisou as atividades realizadas, suspendendo o calendário acadêmico. Em meio a tantas incertezas provocadas pela irrupção do Sars-Covid-19, vivíamos também na gestão toda a incerteza provocada por aquele momento. A partir daí, a história da FE seria atravessada por nossas

4 A concepção de extensão assumida pela UFG é como um “processo educativo, cultural, científico que articulado ao ensino e à pesquisa, de forma indissociável, viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade”. (UFG, 2024).

histórias de vida, pelos conhecidos que começavam a angústia de serem acometidos pela doença. Naqueles dias ainda não tínhamos a dimensão do que ocorreria a posteriori e nem tínhamos instrumentos para análise da situação. Então de um dia para outro, vivenciamos o esvaziamento do espaço da universidade, a necessidade de nos manter isolados, o adoecimento, o medo e tendo que tomar decisões, marcar reuniões remotas e dirigir o cotidiano da Faculdade, com seus prazos exíguos a serem cumpridos.

O ponto de vista da coordenação de Curso

Dentre os tantos desafios institucionais vividos com a crise sanitária causada pela pandemia do Coronavírus, faremos um recorte para o curso de Psicologia da Faculdade de Educação/UFG para ilustrar com um estudo de caso, os enfrentamentos e embates desse período.

No momento em que a humanidade foi afetada, ao mesmo tempo, pela disseminação de um único vírus, o que por um lado, nos aponta o compartilhamento de uma experiência única de forma simultânea e, por outro lado, elucida as diferentes formas pelos quais cada um foi atingido, a depender de fatores de risco de cada organismo como também de suas condições sociais. De acordo com Jerusalinsky (2020, p.1):

O vírus explora as fraquezas biológicas das pessoas, também oriundas de causas sociais, como desigualdades de acesso à saúde, saneamento básico, moradia, precariedade de condições de trabalho, ou seja, os mais vulneráveis são sempre os mais atingidos.

Nesse momento de caos provocados por essa grande crise, os aspectos psíquicos ganham também holofotes que merecem ser escutados na sua singularidade, considerando-se tanto os conflitos pré-existentes como o momento de estruturação psíquica em que cada um se deparava (Jerusalinsky, 2020).

Sem negar o quanto restou como solução sermos atendidos/as pelos avanços tecnológicos e de comunicação durante o isolamento social, não podemos deixar de questionar que essa nova forma de se relacionar, estudar, aprender e viver diferentes experiências, não aconteceu de forma linear e

natural, como uma linha contínua e sem consequências entre o presencial, o virtual. No contexto institucional além do desafio coletivo de nos adaptarmos às plataformas de ensino online e de flexibilização do Regulamento Geral dos cursos de Graduação, cada servidor e estudante enfrentava com o isolamento social, questões financeiras e adoecimentos tanto físicos como psíquicos e principalmente o luto de familiares nesse período.

Ao fechar as portas físicas da universidade, abrimos suas janelas virtuais a fim de tentar garantir a continuidade do processo formativo que precisou acontecer de forma virtual em todas as etapas da educação e, principalmente, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Fragmentos de algumas histórias deixaram marcas e com certeza, prejuízos formativos importantíssimos para cada um de nossos estudantes. Foram muitos relatos sobre as angústias do momento vivido. “Entrar”, virtualmente na turma de calouros da Psicologia para dar boas-vindas ao curso, escutamos frases como “Professora, estudei tanto para fazer esse curso, sonhei tanto em viver a universidade e olha onde estou? Trancado no quarto estudando tal como foi no Ensino Médio”; “Estou no lugar que menos queria hoje: na minha casa”; “Entrei para a UFG, mas não faço ideia onde fica, como é a vida universitária”; “Sempre sonhei em entrar para a universidade e passar o dia todo por lá, vivendo tudo que ela tem para oferecer”. Esse cenário se estendeu por quase 2 anos, todos se mantendo reféns de encontros virtuais.

Os estudantes que já estavam em períodos mais avançados também tiveram sua formação prejudicada por não poderem viver atividades práticas e estágios fundamentais no processo de formação. As reuniões e aulas com os estudantes se alternavam ora com momentos de muita agressividade e revolta, que se dirigia contra ao curso, apesar de compreendermos que se tratava de uma angústia e uma dor maior ora com momento de total apatia em que desligavam as câmeras e não se sabia se acompanhavam as aulas, se dormiam ou simplesmente já estavam indiferentes a qualquer novo conhecimento.

Restou ao vivido naquele momento o espaço virtual, ainda que sobejamente criticado pelo uso dos “pacotes educacionais” vendidos ao serviço público federal, mas que constituíram como um “lugar” profícuo no cumprimento das ações formativas.

Vivenciamos também estudantes que faziam aulas, desde sala de espera de hospitais, onde acompanhavam algum familiar doente e aqueles que precisaram começar a trabalhar para ajudar no sustento da família, em um momento em que tantos perderam empregos. “Professora, vou ter que desligar a câmera e colocar o fone de ouvido, estou trabalhando de Uber e vai entrar um passageiro”. Além de professores que faleceram e outros que perderam entes queridos durante esse período.

Para Arendt (2005), a crise na educação deve ser vista como uma oportunidade crucial para reflexões críticas a respeito do próprio processo educativo, uma vez que a crise possibilita suspendermos o automatismo das respostas e (re)valorizarmos a importância da escola enquanto lugar que forma sujeitos criativos e pensantes mais do que estudantes consumistas de conhecimento. A crise como possibilidade de refazer a rota, de escutar as necessidades colocadas por ela, de entender quem é o estudante para quem ensino e pensar em saídas coletivas, caso contrário o número de retenção e evasão escolar irão aumentar na pós-pandemia. Destaca-se a grande margem de desigualdade das condições educacionais em nosso país, que só se agravou em decorrência da pandemia. Em um país com problemas estruturais na educação, em que já existiam discrepâncias assombrosas de oportunidades de aprendizagem, a exclusão digital foi escancarada, já que para acompanhar as aulas eram necessários equipamentos apropriados e acesso à internet. Sem falar nos espaços adequados em casa e alimentação gratuita, um direito do estudante das escolas públicas.

Portanto o acesso à internet e aos recursos tecnológicos para o acompanhamento das aulas remotas, não foram suficientes para garantir a efetividade do processo de ensino e aprendizado durante a pandemia. Mesmo com todas as ações de Assistência Estudantil para os estudantes com maior vulnerabilidade social, tais como: bolsa alimentação, campanhas de empréstimo de celular e notebooks, entrega de chips de internet e atendimento psicológico online. Como também com todo conteúdo acadêmico disponível online e com todo o empenho dos professores em se atualizarem suas metodologias para atrair a atenção dos seus estudantes, é consenso à falta que a universidade fez para que a aprendizagem fosse possível no mesmo formato que o presencial.

O retorno gradativo às atividades acadêmicas na Faculdade de Educação foi pautado nas diretrizes composta por diferentes grupos de trabalho que tinham como objetivo principal a ampliação segura e gradual das atividades acadêmicas e escolares na UFG na educação básica, graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão e cultura que estavam previstas para acontecer no início de 2022.

Foi elaborado um plano institucional que orientava a ampliação das atividades acadêmicas, administrativas e escolares. Três princípios fundamentaram o planejamento institucional e a execução da ampliação do retorno ao presencial: - a segurança sanitária, visando à preservação da vida e da saúde de estudantes, servidores, colaboradores terceirizados, bem como a de seus familiares e da população em geral; - a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão e das atividades administrativas, garantindo a excelência desta universidade nas ações junto à sociedade; - a isonomia universitária, garantindo as mesmas condições e o mesmo tratamento a todos os estudantes e demais membros da comunidade acadêmica⁵.

Frente a esses aspectos levantados sobre os desafios da gestão em um momento tão obscuro e inesperado, foi possível como instituição pública reafirmarmos a necessidade de luta em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. Reflexões fundamentais para fortalecermos os limites do avanço das tecnologias digitais na educação, com o aumento significativo da oferta do EaD (Ensino à Distância) em diversos contextos educativos. Uma modalidade que já vinha sendo amplamente implementada, à luz das discussões do dia, com embates acadêmicos por tratar de objeto de disputas políticas, por se destacar por seu interesse mercadológico com fins lucrativos.

Frente aos desmontes que estamos vivendo na educação, o grande número de evasão e retenção no ensino superior no momento pós-pandêmico, a luta é outra, é em defesa de uma educação de corpo presente, em que o estudante possa se confrontar com seus semelhantes, suas diferenças, estender seus laços familiares na figura do professor e naquilo que ele traz como cultura e conhecimento socialmente construído, sem, portanto perder de vista, a necessidade de darmos tempo para elaborar e voltar aos encontros presenciais.

⁵ <https://retomada.ufg.br/p/39969-apresentacao>

Em uma época na qual os conhecimentos estão disponíveis a um click, afinal que falta faz a escola presencial? Certamente para a extensão de laços com outros adultos que não apenas os familiares capazes de transmitir, não só o conhecimento, mas um saber que cruza o mesmo a partir de uma experiência de vida já que, em meio à infodemia⁶ contemporânea ter bons curadores é mais importante do que nunca; certamente também no encontro com os semelhantes pelos quais é possível construir identificações e também sustentar a alteridade sem que a cada diferença a mesma possa vir a ser aniquilada por um click ao se tratar de um outro que ali está e com o qual é preciso construir modos de conviver.

Nesse sentido, a extensão de laços entre docentes e discentes se faz necessário para qualquer um porque se ficamos dentro de casa, acreditando que aprender se reduz a uma tela e a gente não produz essa extensão, esse atravessamento de conflitos, esse relançamento de demandas que recoloca o corpo e a palavra de alguém perante o outro. A importância de se apostar nisso em vez de se produzir uma psicopatologização⁷ generalizada, se trata muito menos que caminhos alternativos e sim de se desincumbir da tarefa que tem que ser resolvida no coletivo escolar porque é um problema de todos e não na patologização individual. (Jerusalinsky, transmissão oral, 2022) Temos muito para avançar, mas em primeiro lugar, é não colocar cada um de nós, no lugar de uma psicopatologização individual, mas, sobretudo avançarmos no coletivo. Faz-se necessário pensarmos em todas as questões que tivemos diante desse trauma coletivo; atrelamento à lei, dificuldade de aprendizagens, desinteresse pela escola, sofrimento psíquico e principalmente falta de desejo em aprender.

Considerações Finais

Esse artigo, construído por três professores, gestoras no período da pandemia, expressa a miríade de sentimentos vivenciados no período de aulas

6 “Um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.” (Organização Pan-americana da Saúde, 2020).

7 “Psicopatologização, reflete um impulso medicalizante que toma aspectos da experiência humana comum e os transforma em fenômenos médico-patológicos, em detrimento de uma concepção mais ampla do que é sintoma psíquico e o sofrer propriamente” (Bochi, 2018).

remotas em razão do Sars-Covid que assolou tantas vidas, inclusive, com consideráveis perdas de colegas, amigos e amigas, estudantes, técnico-administrativos e professores da UFG, fruto da imensa tragédia que vivenciamos no Brasil naquele período.

Nessa escrita coletiva, esboçamos as nossas dificuldades na gestão, em relação ao diálogo a ser estabelecido, a implementação do Ensino remoto emergencial – ERE, o atendimento aos estudantes que, assim como nós docentes, estavam buscando formas de ensinar e aprender, mesmo em meio a tantos problemas que vivenciávamos.

Apresentamos nessa escrita, o esforço de fazer com que as ações de gestão acontecessem, apesar dos pesares, dos dramas individuais, da necessidade de conciliação entre a família, o trabalho, a sala de aula e a casa. Todos os espaços eram compartilhados, fazendo com que a intimidade fosse apresentada em telas para os estudantes. Assim eram as reuniões, aquelas em que as pessoas sempre tiravam um tempo para demonstrar seu luto, suas angústias e sofrimento, mas também para serem acolhidas, ouvidas e se sentirem próximas.

Na terceira parte, foi mostrado o impasse da coordenação de curso: o limite entre o estudante, o currículo, a prática educativa, a gestão e os elos entre docentes e discentes. Apresentamos quais saídas foram tomadas, os prejuízos vivenciados pelos estudantes em razão das dificuldades causadas pelo isolamento e das aulas mediadas por tecnologias educacionais.

Enfim, esse artigo cumpriu os propósitos do registro sobre o momento, sob o olhar de gestoras que viveram a angústia, a solidão e o medo, assim como todos e todas. Mas que insistiram, não desistindo de lutar pela universidade pública, gratuita, laica e de qualidade social para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro** Tradução Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOCCHI, Josiane Cristina. A psicopatologização da vida contemporânea: quem faz os diagnósticos. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 20, n. 1, p. 97-109, jan./jun.,2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11309>. Acesso em 26 de set.2024

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Portal do Planalto – Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 jul. 2013.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal Planalto – Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2013.

BRASIL. **Projeto de Lei PNE - 2014-2024**. Portal Planalto – Presidência da República. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CABRAL NETO, Antônio. Gerencialismo e gestão educacional: cenários, princípios e estratégias. In: FRANÇA, Magna; BEZERRA, Maura Costa (org.). **Política educacional: gestão e qualidade do ensino**. Brasília: Liber livro, 2009.

CABRAL NETO, Antônio. Gestão escolar em instituições de ensino médio: entre a gestão democrática e a gerencial. **Educação e Sociedade**, v. 32, n. 116, p. 745-770, jul./set. 2011.

JERUSALINSKY, J. Ser bebê, criança e adolescente na pandemia: cuidar e educar nas encruzilhadas entre a estruturação psíquica e o risco de Covid-19, **Revista Crianças, uma abordagem transdisciplinar**, p.1-9, Junho – 2020.

JUNIOR, H. A.; GISI, M.L. Gerencialismo e performatividade: influências na prática da gestão educacional. In: **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, vol.38 no.1. Goiânia, 2022. Epub 27-Mar-2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol38n002022.117220>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19, 2020**. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 16 de abril/2024

UFG. **Plataforma Analisa**. Disponível em: <https://analisa.ufg.br/> Acesso em: 15 set. 2020.

UFG. **Resolução CONSUNI nº 18R/2020**. Dispõe sobre a suspensão, por tempo indeterminado, dos calendários acadêmicos 2020 do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), dos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e dá outras providências. Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CONSUNI_2020_0018R.pdf Acesso em: 04 abr. 2024.

UFG. **A extensão na UFG**. Disponível em: [A Extensão na UFG | PROEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura](#). Acesso em 16 set. 2024.

UFG. Retomada UFG. Disponível em: <https://retomada.ufg.br/p/39969-apresentacao> Acesso em: 20 set. 2024.

Submissão em: 03 Mai. 2024

Aceite em: 29 Ago. 2024

i Amone Inácia Alves. FE/UFG

Professora associada da FE/UFG. Possui Licenciatura em História (UESB), Licenciatura em Letras, Mestrado em Sociologia pela UFPR e Doutorado em Educação pela UFG. Atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

E-mail: amone_alves@ufg.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4562850692564105>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3131-6230>

ii Jordana de Castro Balduino Paranyha - FE/UFG

Possui Graduação em Psicologia (PUC-GO) e Doutorado em Educação pela Universitat de Barcelona. Atualmente vice-diretora da FE/UFG e atua como docente na área de Psicologia da Educação.

E-mail: jordanabalduino@ufg.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1444222161390647>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8718-8944>

iii Lueli Nogueira Duarte e Silva - FE/UFG

Graduada em Psicologia (PUC-GO) e Doutorado em Educação pela UFG. Atualmente, é diretora da Faculdade de Educação/UFG; Coordenadora do Fórum Estadual de Educação de Goiás; Presidente do Fórum Nacional de Diretores/as de Faculdades, Departamento e Centros de Educação das Universidades Públicas (Forumdir).

E-mail: lueli@ufg.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0294578129306558>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6256-2928>